Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



GINGER ROGERS é uma das grandes favoritas do nosso público. Esta época, vê-la-emos em filmes que deram brado além-Atlântico.

2.ª SÉRIE — N.º 51 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS FEIRAS — LISBOA, 27 DE OUTUBRO DE 1941 — PREÇO 1$50



Brevemente a

PORTUGAL-FILMES

apresentará no

GINÁSIO

UMA PRODUÇÃO DA TÓBIS COM A LINDA BAILARINA **LA JANA** E OS ARTISTAS **Gustav Diessl, Harold Paulsen e Paul Otto.**

«ESTRÊLA DO RIO»

— FALADO EM FRANCÊS —



Do Rio de Janeiro a Amesterdão, atrás de um brilhante célebre.

//

Bailados maravilhosos
Canções brasileiras
Música e mistério
Uma história cheia de
interêsse e emoção.





2.ª série / N.º 51 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

27 de Outubro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00

Semestre . . . . 39$00

Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

PREPARANDO «A REPÚBLICA DOS PARDAIS»

A Universidade e a Academia de Coimbra

deram todo o seu apoio ao filme que A. L. R. vai realizar no próximo ano

Já não constitui novidade para ninguém — e muito menos para os leitores do «Animatógrafo» — que o próximo filme a realizar pessoalmente por António Lopes Ribeiro para a sua própria Produção é «A República dos Pardais», cuja acção decorre em Coimbra, entre estudantes da famosa Universidade.

Fundando e organizando a Pro. A. L. R., o nosso director logo se preocupou em dar aos novos oportunidades sérias para demonstrarem a sua capacidade de encenadores, não reservando para si mais do que um filme por ano.

Assim, depois de ter dirigido o Filme n.º 1, o tão celebrado «Pai Tirano», cujo êxito se estende já a Portugal inteiro, apesar de estreado há apenas seis semanas, entregou a direcção dos filmes seguintes a artistas e técnicos experimentados, mas que dirigem pela primeira vez. Já se anunciaram aqueles que Francisco Ribeiro e Fernando Garcia vão dirigir. Outros nomes (um montador, um realizador de filmes curtos e um crítico de cinema) se indigitam para encenadores dos filmes a produzir em 1942.

Obedecendo a um vasto plano, já estão assegurados os direitos de tôdas as obras, originais ou conhecidas, que servirão de base à produção do próximo ano, das quais já se anunciam duas: «A Mantilha de Beatriz», segundo o Romance de Pinheiro Chagas, e «A República dos Pardais», argumento original de António Lopes Ribeiro.

Todo o carinho é pouco

— Todo o carinho é pouco para tratar dos assuntos mais tìpicamente portugueses, mais característicos da lusitanidade, como é êste que há tantos anos me apaixona — declarou A. L. R. a alguém que o felicitava pela sua ideia de realizar um filme sôbre Coimbra. — Carinho e cuidado, acrescentou, pois com Coimbra dá-se o mesmo fenómeno que com D. Sebastião: cada um tem a seu respeito uma ideia feita, *muito sua*, e será impossível satisfazê-las a tôdas. A mim, que não me assustou abordar pelo cinema temas tão vastos e complexos como a Revolução Nacional de Salazar (na «Revolução de Maio») ou o Império Português (no «Feitiço do Império»), confesso que me atemoriza um tanto ou quanto abordar o tema de Coimbra. É preciso criar um compromisso entre a poesia, a tradição e a verdade; fazer intervir no conflito os três elementos basilares de Coimbra: a cidade, a Universidade e a Academia. Vamos a ver como «me saio desta»...

Começar pelo começo

Tudo se deve começar pelo começo. Eis uma verdade que nem sempre está presente aos olhos dos que começam. Para começar pelo comêço, A. L. R. foi a Coimbra. Foi a Coimbra muita vez. Desde 1932, data em que fez para o «Notícias Ilustrado» um famoso inquérito à Universidade e à Academia Coimbrã, que vai a Coimbra com freqüência, sempre possesso da mesma ideia: o filme de Coimbra. Agora, como «Animatógrafo» noticiou no seu número de 15 de Setembro, voltou lá. Mas já não levava apenas uma ideia: levava factos, possibilidades concretas. A intenção tornara-se tenção firme; o projecto passara ao domínio das realidades. Pôde assim procurar aquelas pessoas cuja opinião e apoio lhe eram indispensáveis para levar a bom termo a sua iniciativa.

Com o sr. vice-Reitor

Desde a morte, tão chorada e penosa para a Universidade, do Prof. Morais Sarmento, último reitor da Universidade de Coimbra, a reitoria está ocupada pelo grande anatomista português, lente da Faculdade de Medicina, sr. dr. Maximino Correia.

O sr. Vice-Reitor recebeu António Lopes Ribeiro e o sr. dr. José Viana, que o acompanhava, com aquela afabilidade e largo espírito que o caracterizam.

A. L. R. expôs o seu projecto. Historiou e definiu as linhas gerais da obra que pretende empreender; resumiu o argumento; disse com o que contava e do que necessitava ainda. O apoio da Universidade é-lhe indispensável, não só como incentivo moral, como por ser preciso filmar dentro do seu edifício, com os estudantes.

O sr. dr. Maximino Correia desde logo, com a mais resumada gentileza, assegurou tôda a colaboração que dêle possa depender, manifestando o seu entusiástico interêsse pela realização do projecto. À visão clara e moderna da Universidade de hoje, o Cinema é uma arte familiar, um modo de expressão que se considera e respeita. O facto de A. L. R. ter subtraído o Cinema Português ao seu destino de aventura desordenada, mais sòlidamente permite coadjuvar o seu projecto.

A. L. R. agradeceu o gentilíssimo acolhimento e precioso auxílio, demorando-se longamente em conferência com o sr. Vice-Reitor. A parte dessa conferência também assistiram o sr. dr. João Pereira Dias, lente da Faculdade de Ciências e, sem dúvida, a nossa maior autoridade em matéria de espectáculos, que tem exercido o lugar de comissário do Govêrno junto do Teatro Nacional de D. Maria II e do Teatro Nacional de S. Carlos, e o sr. Ramiro Valadão, quintanista da Faculdade de Letras e Presidente da Associação Académica.

Na Associação Académica

Da reitoria, A. L. R. dirigiu-se ao edifício da Associação Académica, para que fôra convocada uma reünião extraordinária da direcção. Aí expôs novamente a índole, a estrutura e os objectivos do filme «A República dos Pardais», relatando a sua conferência com o sr. Vice-Reitor. Tal como lhe era necessário o apoio e a colaboração da Universidade, eram-lhe indispensáveis a colaboração e o apoio da Academia.

Uma e outro lhe foram assegurados pelos presentes, que responderam em nome de todos os estudantes, já entusiasmados com a notícia, vinda a lume nos jornais da cidade, de serem êles, a participar no filme consagrado à Coimbra dos seus amores, para glorificação dos seus encantos, das suas tradições e das suas aspirações.

Trocaram-se, num lanche improvisado pela hospitalidade académica, brindes de muito afecto,

(Conclui na pág. 11)

PROSSEGUEM AS FILMAGENS DE «O PÁTIO DAS CANTIGAS»

Nos terrenos anexos ao estúdio da Tobis Portuguesa, na Quinta das Conchas, ergue-se há duas semanas o mais importante cenário exterior construído para filmes portugueses: o «Pátio do Evaristo», onde decorre a acção do Filme n.º 2 da Produção António Lopes Ribeiro. E nele se filma, ora de dia, ora de noite, conforme as condições do tempo e o plano de trabalho, aproveitando os momentos em que o sol se descobre, ou substituindo-o por projectores eléctricos, as sucessivas cenas e planos isolados que hão-de constituir, depois de montados, «O Pátio das Cantigas».

As filmagens são dirigidas por Francisco Ribeiro, o actor que se estreia como encenador cinematográfico, e nelas toma parte um elenco notabilíssimo: Maria das Neves, Vasco Santana, António Silva, Maria Paula, António Vilar, Graça Maria, Barroso Lopes, Laura Alves, Carlos Otero, Armando Machado, Henrique de Albuquerque, Carlos Alves, Eliezer Kamenesky, Pereira Saraiva, Regina Montenegro, Reginaldo Duarte, a cantora de rádio Maria da Graça e o próprio realizador, que celebrizou no palco e na tela o diminuitivo de Ribeirinho. Um têrço das cenas já está concluído. Já foi demolida a primeira série de cenários interiores e preparam-se as duas séries seguintes, construídas em ambos os «plateaux» da Tobis, o grande, e o pequeno, onde foi filmada «A Canção de Lisboa». As decorações são de Roberto Araújo, coadjuvado por Leite Rosa e Silvino Vieira. As tomadas de vistas são de César de Sá e as de som de Sousa Santos.

Tudo leva a crer que, apesar do mau tempo provável, as filmagens estejam concluídas por todo o mês de Novembro, estreando-se o filme em Dezembro, conforme foi anunciado.

OS "SECUNDÁRIOS"... DE PRIMEIRA ORDEM

FRANK MORGAN

Se Hollywood necessitar dum actor para interpretar o papel de marido distraído, daqueles que perdem a cabeça quando vêem uma loiraça de sorriso prometedor; ou se quiser ir buscar o intérprete do pai bonacheirão, bem humorado e complacente; ou ainda se precisar dum artista que encarne a figura dum gerente de escritório, ensarilhado e esquecido, debatendo se entre os problemas criados por uma espôsa quizilenta e clientes implicativos — se Hollywood necessitar, dizíamos, dum actor capaz de encarnar, à maravilha, tôdas estas personagens, um nome há que surge, imediatamente, ligado à ideia de ideal e indiscutível... Êsse nome, êsse intérprete — é Frank Morgan.

«Frank is the absent-minded professor of the screen». Esta frase, que encontrámos numa das suas biografias, resume. só por si, a faceta mais brilhante da sua personalidade na tela. A aparição do artista basta para nos predispor para a gargalhada. Êle tem aquele prestígio da comicidade, que se afirma pela simples presença. E, o mais curioso é que êste homem — «capaz de tornar cómica uma tragédia grega» — passa do jocoso para o trágico, com igual poder de convicção. Na *Loja da Esquina*, o pobre Matuscheck, quando na noite do Natal, com o seu lar em ruinas e amargas desilusões, procura alguém que passe, com êle, a noite festiva, atinge as culminâncias da tragédia íntima. E Frank Morgan foi, nessa altura, um actor dramático que se impôs, a todos os títulos. Se é verdade que os extremos se tocam — e Chaplin, nos seus bons tempos, demonstrou a máxima, de forma eloquente — nem por isso deixa de ser uma prova de exame, esta faculdade que permite a um intérprete, indistintamente, percorrer tôdas as gamas da emoção.

Frank Morgan nasceu em Nova-York, a 1 de Junho de 1890. Já lá vão 51 anos! Chamava-se, então, Frank Wupperman, e não sonhava ser actor, muito menos de cinema, que ainda não existia! Como tinha uma linda voz, cantava nas igrejas de St. Tomas e All Angels. E devemos dizer, em abono da verdade, que não perdeu a voz, nem o gôsto pelo canto — e que Hollywood não o considera apenas um «gentleman» e um chefe de família exemplar, mas também um tenor de mérito incontestável, com a particularidade louvável de não apresentar essa prenda nos filmes que interpreta, nem exigir que a revelem às platéias que o admiram!



Frank Morgan caíu no agrado das nossas plateias. Por êsse motivo, «Animatógrafo» presta hoje justíssima homenagem ao simpático artista

Era um garoto, quando resolveu deixar de estudar, para entrar na vida prática. Tinha a ambição do ar livre, dos horizontes imensos, de tudo aquilo que significava a evasão de meio deletério duma grande cidade. Fez-se «cow-boy» e realizou o seu sonho. Entretanto, seu irmão Ralph, mais velho dois anos do que êle, tentou a carreira do palco. Havia, nessa altura, um actor chamado A. E. Morgan, cujo prestígio era enorme. Ralph quando foi para o Teatro, trocou o apelido de família pelo do artista que tinha como modêlo da sua profissão. E quando, Frank quis seguir as pisadas do irmão, não só aceitou a sua protecção e o seu bom conselho, como ainda se irmanou no nome de guerra, que êle adoptara. E Frank Wuppermann passou a chamar-se Frank Morgan.

O cinema nessa data tenteava os seus primeiros passos. E Frank, com o gôsto pela Aventura, que o levara a deixar de ser estudante para se tornar «cow-boy», e abandonar esta profissão pela carreira teatral — passou do tablado para o estúdio, com idêntica desenvoltura. Ingressou na Vitagraph e por ali se quedou algum tempo.

O êxito, já dizia Edison, atinge se com 1 % de inspiração e 99 % de transpirações. Com a inspiração — «que nasce com a pessoa», como dizia o mágico de Menlo Park — e com o suor do seu rosto, fonte de muitas canseiras e de muito trabalho, Frank Morgan foi longe. Tão longe, que por altura da Grande Guerra, formou com Anita Stewart uma companhia, que deu brado. Representou as peças dos mais diversos reportórios, de *Topaze* a *Rosalie*, do *Sétimo Céu* ao *Homem que voltou*. No cinema, mais tarde, iria reeditar algumas das suas criações.

Belle of the Night, um «short» de mérito duvidoso, foi o seu primeiro ensaio no sonoro. Ensaio tímido, que o deixou pouco contente consigo e com o cinema falado. Mas, afinal, pouco tempo se manteve nessa espectativa desconfiada... Os técnicos de Hollywood, trabalhando com afinco, acreditaram a nova modalidade cinematográfica, e Frank Morgan passou a dedicar-se, por assim dizer, quási exclusivamente ao espectáculo do nosso século.

Interpretou vários filmes, para a Rádio. O *Grande Ziegfeld*, porém, trouxe-lhe o primeiro papel de relêvo — a sua grande oportunidade. Contemporâneo do criador das «Follies», do homem que primeiro montou, no palco, os espectáculos que depois o cinema iria levar a alturas inatingidas, êle viveu, nesse filme a personagem do empresário amigo e rival do inovador das «féeries»... E, desde então para cá, Frank Morgan nunca mais deixou de aparecer. *A Última Conquista*, *Caudelabros do Imperador*, *Saratoga*, *Rosalie*, *A Multidão Vibra*, *Serenata Fantástica*, *Idílio Musical*, *O Feiticeiro de Oz*, *Balalaika*, *A Loja da Esquina*, *O Fantasma voltou*, etc. — foram outras tantas demonstrações do seu talento.

Actor de espantosos recursos, não nos surpreenderíamos se o vissemos ascender à categoria de «star» — êle que há tanto tempo figura no escalão imediatamente inferior. Mas, em boa verdade, não é êsse o grande sonho do artista. A sua ambição máxima, condensa-se num desejo muito simples, que vinte e cinco anos de actividade consecutiva ainda não realizaram: — interpretar um filme, lado a lado, com seu irmão.

A única coisa que o consola é a opinião dos produtores, que pensam «um Morgan basta para cada filme!»

F. F.



Portugal-Filmes

Noticiámos no nosso número 41 que se fundara na capital uma firma distribuidora de filmes que usa a razão social de «Portugal-Filmes» e que traz até nós avultada programação na qual se destacam produções alemãs e francesas.

A «Portugal-Filmes» representa a conhecida e importante firma produtora Tobis, de Berlim e as produções que distribui são apresentadas em estreia no Ginásio, cuja gerência foi confiada a Frederico Eça Leal. Foi justamente a «Portugal-Filmes», em colaboração com o Ginásio que organizou, há dias, um «cocktail» para apresentação do sr. Theo Amady Kaes, director da Tobis, de Berlim e para inauguração daquela sala de espectáculos.

A propósito, informamos hoje os leitores de que entre as produções da Tobis alemã a exibir se destacam «Major Trenk» com Hans Albers e Sybille Schmitz; «Robert Koch», com Emil Jannings e Werner Krauss; «Madame Luna», com Fita Benkhoff, Theo Lingen e Paul Kemp; «Sombra Maldita», com Heinrich George e «O Sôro da Vida» com Paula Wessely, isto sem contar com outras películas de real categoria, como: «Os 3 Codonas», com J. Sieber; «Valsa imortal», com Maria Andergast; «As loucuras de Percival», com Hans Albers; «Último round», com Camilla Horne, «Sangue Vienense», com Willy Fritsch.

Os filmes indicados fazem parte da primeira lista de programação.

Felicitamos, na pessoa de Theo Amady Kaes, a Tobis de Berlim, pela excelente programação que trouxe a Portugal, e bem assim o nosso amigo Frederico Eça Leal, por se porpôr apresentá-la no Ginásio.

Sonoro Filme

O catálogo da Sonoro-Filmes recém-chegado a esta redacção traz-nos uma garantia: a de que a conhecida firma distribuidora possui excelente programação e tem, nos elencos, nomes célebres e queridos das nossas platéias.

Os filmes vêm, muitos dêles, precedidos de fama, como «O que o tempo não levou», com Marta Scott; «Major Barbara», de Bernard Shaw, com Wendy Hiller; «Raparigas à sôlta», filme alegre e comunicativo; um drama com Jean Gabin; outro, de Léonide Moguy — «Castigo do Céu» — com Pierre Blanchar; «O Ladrão de Bagdad», a grande produção technicolorida de Alexander Korda, com Sabú; «Lôbos da Serra», de Jorge Brum do Canto e «Ala, Arriba!», de Leitão de Barros; dois filmes de Lubitsch: «No que pensam as mulheres» e «Ser ou não ser»; «A batalha de Trafalgar», com Vivien Leigh e Lawrence Olivier; «Perdão de Pai», com Harry Baur; duas super-produções com Ilona Massey; «O regresso do par invisível» com Roland Young e Joan Blondel; «Gibraltar», de Fédor Ozep. com Vivian Romance e Eric von Stroheim. Outras produções figuram, porém, no catálogo, de excelente aspecto gráfico, que a «Sonoro-Filme» nos enviou.

Alexandre Amores

Os cinéfilos da velha guarda decerto se recordam ainda de Alexandre Amores. Foi um dos actores mais profissionais do nosso cinema, na época do mudo, e dizemos isto porquanto êle actuou, com continuidade, em numerosos filmes que lhe deram popularidade. Trabalhou muito sob as ordens de Reinaldo Ferreira, o inesquecível *Repórter X*. Os cinéfilos da velha guarda viram-no em «Taxi n.º 9297», «Hipnotismo aos domicílios» e outras comédias.

Pois Alexandre Amores, que andou lon-

(Continua na pág. 12)

Os mixordeiros do celuloide

Dôa a quem doer, caiba a responsabilidade a quem couber, há um certo número de coisas que não estamos dispostos a suportar em silêncio durante mais tempo. Um jornal como o «Animatógrafo», a quem incumbe o honroso mas duro quinhão de ser o único periódico português que se ocupa a valer de cinematografia, não pode deixar passar em claro um certo número de factos da mais extrema gravidade, e que sòmente são tolerados pela incompetência, pela preguiça ou pelo baixo mercantilismo da grande maioria daqueles a quem o negócio de filmes seduziu em Portugal, e que tão alheios vivem do seu próprio negócio, tão incapaz e deslocadamente se encontram dentro dêle, que é necessário chegar ao extremo de escrever um artigo como êste para tentar chamá-los à consciência dos seus próprios interêsses.

Os que nos conhecem sabem que não nos atreveriamos a explodir neste tom se não tivessemos carradas e carradas de razão, e se o assunto que nos indigna não fôsse de importância capital para o Cinema, que sempre defendemos e defenderemos, sem curar da canzoada que ladra à passagem da nossa honesta caravana.

Trata-se, nem mais nem menos, de analisar, ilustrando-as com exemplo, as condições técnicas em que são exibidos os filmes na maior parte dos cinemas portugueses, sobretudo na província.

São essas condições indescritíveis, quanto à incomodidade dos lugares, à sujidade das salas, à impropriedade dos ecrans, à antiguidade e incapacidade dos aparelhos de projecção, numa percentagem aflitivamente grande dos nossos salões. As excepções que se verificam não são, como é praxe dizer-se, «honrosíssimas»; e isso pela simples razão de que tais «excepções» se limitam a fazer o que é natural e lógico e comercial que se faça, para bem servir o Cinema, o Público e o próprio negócio.

Como o Cinema só existe na tela, tudo o que se passa até ao momento culminante da projecção são simples preparativos. Assim, asseguramos que nada, nem mesmo a realização do filme, tem no Cinema importância comparável ao do cerimonial da exibição, onde o trabalho de tantos técnicos e artistas tem a sua cabal e completa manifestação.

Todos conhecem aquela fábula de Florian, que nos fala dum macaco exibidor de imagens, fábula que parafraseia o tema eterno do «Aprendiz de Bruxo», genialmente tratado por Gœthe, na poesia, por Paul Dukas, na música, e agora por Walt Disney, no cinema. Descrevia o pobre símio a uma assembleia de outros bichos as maravilhas que imaginava projectar com uma lanterna mágica — os funâmbulos, e os que faziam «l'éxercice à la prussienne»... Mas nenhum dos bichos espectadores via coisa nenhuma. É que o macaco, gabarola e néscio, — se havia esquecido, simplesmente, de acender a lanterna...

É isso, exactamente, o que acontece a muitos dos exibidores desta santa terrinha: como o macaco de Florian, escolhem filmes bafejados pela fama, com vedetas célebres e primores de técnica. E vai ao depois — esquecem-se de acender a lanterna!

Porque a lanterna mágica dêles é o aparelho de projectar, «a máquina», como êles dizem, — quando não dizem «a mánica»...

Agora que o Cinema Português vai entrar na sua fase decisiva, êsse problema assume particularíssima importância.

Vejam por exemplo o que acaba de suceder no cinema duma capital de distrito.

Estreava-se um novo filme português, ansiosamente esperado. O público acorrera, tão numeroso, que a lotação se esgotara por completo. Começa o filme a passar. As imagens, escuríssimas; o som — ausente. Começa a pateada. A fita pára. Intervalo improvisado. A fita recomeça. O som — moita, carrasco. Mais pateada e nova interrupção. Ao cabo de várias tentativas infrutíferas, o empresário tem o descôco de declarar, alto e bom som, que a culpa não era dêle, mas sim do som original da fita, que não prestava! E lamentava, com ares superiores, o estado da nossa indústria.

É claro que houve quem não fôsse na conversa e que exigiu uma contra-prova. E o resultado veio, como não podia deixar de ser, provar que a culpa era do aparelho, que não estava em estado de reproduzir sons, fôssem êles bem ou mal registados. No entanto, espectadores houvera que, impacientados, haviam saído da sala. Os que tiveram a pachorra de aguardar uma demorada e insuficiente reparação, só saíram de madrugada. Mas avalie-se o seu estado de espírito e a vontade com que ficaram de voltar a ver cinema em semelhante chafarica, tanto mais que agora, na quadra chuvosa, chove lá dentro como na rua.

É contra êstes «propagandistas» do Cinema em geral e do Cinema Português em especial que erguemos o nosso brado. É preciso acabar com os maus mercadores, com os «mixordeiros do celuloide», que avariam os produtos que lhes confiam para revenda.

Num próximo artigo diremos como e quem pode acabar com êles duma vez.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

AO RITMO DO SAMBA

Uma Noite no Rio

com Carmen Miranda

Uma produção de 1941 — Tecnicolor — Dirigida por Irving Cummings — com Carmen Miranda, Alice Faye e Don Ameche — e o Bando da Lua.

Na «Sinfonia dos Trópicos» Carmen Miranda passava como um metéoro; em «Uma Noite no Rio» é estrêla — que brilha a grande altura.

Alice Faye: a Lucienne Boyer dos Estados Unidos.

Don Ameche, o galã americano com costela de latino.

★

Nomes portugueses dados a personagens do filme: Luiza, Inês, Pedro, Afonso, Duarte, Machado, Pereira... e Carmen.

★

Filme essencialmente musical, «Uma noite no Rio» tem cinco lindas canções: *I'Yi, Yi, Yi, Yi, Cai, cai* e *Chica, Chica, Boom Chic,* cantadas por Carmen Miranda; *Boa Noite* e *They Met in Rio,* por Alice Faye.

Como fàcilmente se depreende, *I'Yi, Yi, Yi, Yi* significa «Gosto muito de você». Não podia deixar de ser...

★

Segundo a Fox, antes de se iniciarem as fimagens, foi o argumento submetido à aprovação da Embaixada do Brasil em Washington.

★

Nem todo o agrupamento musical estaria habilitado a desempenhar o difícil encargo de acompanhar Carmen Miranda nos seus sambas.

O Bando da Lua tem essa cagoria.

★

Don Ameche confessa que levou uma semana para pronunciar capazmente o ditongo ão...

★

CARMEN Miranda — alma e corpo do samba — canta, mima e dança quando as estrêlas descem sôbre o Rio. É a grande atracção nocturna da cidade, à frente duma companhia de que faz parte seu noivo, o cantor americano Larry Martin (Don Ameche).

Um dos números do Larry mais apreciados é a imitação perfeita que faz do Barão Duarte, importante homem de negócios e figura conhecida na sociedade carioca, com quem aliás êle se parece extraordinàriamente.

Vítima da concorrência do negociante Machado (Carrol Naish), seu poderoso rival, o Barão acaba por se ver em sérios apuros. A salvação estaria em conseguir renovar um contrato de exploração duma linha aérea, mas as negociações arrastam-se e, dado o melindre da situação, abandona prudentemente a cidade, deixando aos sócios o encargo de resolver as dificuldades.

Estes têm então a ideia luminosa de esconder a «retirada estratégica» do Barão, contratando o Larry Martin para fazer as vezes dêle, já que os dois tanto se assemelham.

Tudo correria no melhor dos mundos se não fôsse o constante sobressalto em que o Machado os trás, de vir a descobrir tamanha farsa.

Um dia o arguto comerciante visita o pseudo-Barão. Reina o pânico!... quando, afinal, vem propor, em vantajosas condições, a cedência da exploração da linha.

O Machado fala em francês e o Larry percebe-o em americano... mas tudo se conserta — a não ser o lado sentimental da questão.

É que o Barão é casado. E a situação criada à Baronesa Cecília (Alice Faye) é muito, muito melindrosa.

E depois não nos esqueçamos que o Larry está noivo, e a Carmen Miranda a sentir ciumes é verdadeiramente tropical...

★

A Fox incluiu no filme seis belezas profissionais, não sabemos se para alindar a paisagem brasileira (o que parece desnecessário), se para substituir a impressão agradável da presença de Betty Grable (o que *supomos* suficiente)...

★

É possível que Don Ameche atropele um pouco o seu português, mas em compensação Carmen Miranda vinga-nos estropiando menos mal o inglês.

★

Embora o Brasil esteja próximo dos Estados Unidos da América do Norte, só com *Uma Noite no Rio* o samba se tornou popular neste último país.

Evidentemente como dança, porque a música já o fonógrafo o tornara há muito conhecido.

As canções do filme estão aliás tôdas gravadas em disco.

★

Ainda àcêrca das dificuldades lingüísticas que se apresentam às vezes aos artistas, devemos salientar que as 6 belezas profissionais que aparecem no filme não têm necessidade de se exprimir, por serem só por si, e caladas, suficientemente eloqüentes.

★

A Fox Filmes, Ld.ª espera que os cinéfilos portugueses façam com que uma «Noite no Rio» suplante o êxito da «Sinfonia dos Trópicos», pois que Irving Cummings se excedeu também no seu novo trabalho.

UMA NOITE NO RIO

em tecnicolor, com **CARMEN MIRANDA** em estrêla, é um sonho que a FOX tornou em realidade



MARIA DOMINGAS

Um lindo sorriso da protagonista de «LOBOS DA SERRA», que nos oferece esta fotografia autografada como recordação do seu trabalho naquele filme.

O «FILM-KURIER» FALA DO CINEMA PORTUGUÊS

Pela primeira vez, desde que o cinema português existe, o jornal alemão «Film-Kurier» — a mais importante publicação europeia de cinematografia — preocupa-se com a nossa actividade em matéria de produção fílmica.

Nós tínhamos anunciado, em meados de Agôsto, que se encontrava na capital o correspondente em Madrid, daquele jornal, Guilherme L. Kristl, entidade com quem falámos e de quem colhemos as melhores impressões, conforme o tornámos público numa «panorâmica».

O jornalista alemão chegou e demorou-se por cá o tempo suficiente para fazer uma ideia, tanto quanto possível exacta e completa, do que é o cinema nacional e das suas possibilidades. Conversou com os elementos mais destacados do meio cinematográfico português, viu películas nacionais, visitou estúdios e laboratórios recolheu pormenorizada informação sôbre as iniciativas e a colaboração do Estado no campo de produção de filmes. E assim, de posse de numerosos e curiosos elementos — muitos dêles, curiosos filhos de observação directa — Kristl publicou recentemente, no jornal de que é correspondente, uma desenvolvida reportagem sôbre cinema português.

A reportagem é ilustrada. Primeiro, uma foto da protagonista de «Ala, arriba», Elsa Bela-Flôr — «ein Fischermädchen» (uma pescadeira, sublinha a legenda); depois, outra de Leonor Maia; por último, um curioso aspecto do cinema ao ar livre, em Évora, vendo-se ao fundo o templo de Diana.

O jornalista principia por dizer que o Verão, em Portugal, é a estação dos cinemas ao ar livre e dos cinemas ambulantes. Acentua haver vinte dêstes últimos que correm todo o país, levando às aldeias mais recônditas o entretem dumas horas de projecção. «Um dos cinemas ao ar livre mais curiosos da Europa deve ser o de Évora — escreve — onde, atrás da tela se vê as colunas dum templo romano que tem mais de mil anos. E um dos mais lindos deve ser o que fica na costa do Atlântico, em Cascais. Quando uma pessoa está sentada diante da tela julga que as imagens saem do oceano envolvido em noite».

Prossegue:

«Também o Estado Português tem dois cinemas ambulantes: um começou a funcionar em 1937 e o outro em 1938. Depois da experiência que o Secretariado da Propaganda Nacional fez em 1936, efectuaram-se representações de teatro em tôdas as províncias do país. As experiências deram tanto resultado que, hoje, uma Missão Cultural percorre todo o país, apresentando dansas, música e boa literatura».

O jornalista salienta que, além da acção do Estado em prol do cinema português, há a contar as iniciativas particulares. «Não menos de quatro grandes filmes portugueses vão ser estreados esta época — escreve — e para 1942 espera-se uma produção ainda maior».

*Em seguida, historia a Produção António Lopes Ribeiro, a data do seu início, a sua ligação com a Spac, e refere-se à Lisboa-Filme, aos seus laboratórios modelares, ao seu pequeno estúdio onde filmou «O Pôrto de Abrigo» (*Der Zufluchtshafen*, traduz o jornalista) e à sua secção de distribuição, por onde passam filmes da Ufa e da Terra.*

Ainda a propósito da Prod. A. L. R., escreve:

*«A jovem produção António Lopes Ribeiro quere fazer quatro filmes por ano. O seu Sol (*Ihren Seele*) é António Lopes Ribeiro, um homem de perto de 40 anos, que tem viajado muito. Êle escreve manuscritos (argumentos) e sonetos. É realizador e Presidente do Sindicato dos Profissionais de Cinema. É o proprietário e o director do jornal cinematográfico semanal «Animatógrafo» e também dirige a companhia de produção que tem o seu nome. Todos os grandes filmes do Secretariado da Propaganda Nacional foram dirigidos por êle».*

E algumas linhas abaixo:

*«Durante o intervalo, sentamo-nos na cantina. António, grande, magrinho e gesticulando muito (*beneglich*) deita o chapéu para a nuca e começa a contar. Conhece tôda a Europa e metade da Africa e tem grande respeito pela produção alemã».*

A «maneira» como Kristl vê os nossos realizadores, pelo seu «traço saliente», é curiosa. De Jorge Brum do Canto, por exemplo, diz o seguinte, que procuramos tanto quanto possível aproximar do texto alemão:

«Jorge Brum do Canto, numa bata branca de farmacêutico, dá neste momento ordem a um operário para colocar diante duma cabana de camponeses uma árvorezinha».

E mais abaixo (procuramos uma tradução literal e fiel):

«Abaixo dos realizadores de Portugal encontra-se Jorge Brum do Canto, «der versonnenste» (aquele que se reconcilia com a profissão, o que está dentro do meio)».

Acêrca de Leitão de Barros:

«Leitão de Barros, um homem de 40, espera que o seu filme de pescadores constitua um grande êxito e considera aqueles como os actores ideais. Barros é, como Lopes Ribeiro, um homem muito viajado. Conhece tôda a Europa e é tão excelente pintor como homem de cinema».

Sôbre Artur Duarte, a quem encontrou nas filmagens duma cena do teatro, em «O Pai Tirano»:

«Ao lado dela (Leonor Maia) está um conhecimento do filme mudo de Berlim, Artur Duarte, na circunstância actor. No «Ala, Arriba!» foi director técnico. Duarte fala correctamente alemão e está na lembrança do público alemão pelo seu trabalho em Munich e Berlim».

Guilherme L. Kristl refere que a Prod. A. L. R. vai produzir mais filmes. Dá a notícia de «O Pai Tirano», que êle ainda viu filmar; apresenta o actor-autor Francisco Ribeiro (Ribeirinho); refere-se à outra produção ao tempo ainda em organização, «O Pátio das Cantigas» (e aqui o jornalista comete um lapso, porque atribui a realização a Manuel de Oliveira).

O «Film-Kurier» dá conta de mais dois filmes terminados e produzidos pela Tobis Portuguesa: «Lobos da Serra», de Jorge Brum do Canto, e «Ala, Arriba!», de Leitão de Barros. Notícia que nêste último só entra um actor, porquanto os outros papéis são interpretados por pescadores, e que o Estado deu a sua comparticipação para a feitura da obra, visto ela encerrar valor documentário.

Na esplêndida reportagem do «Film-Kurier», o jornalista larga por vezes os assuntos para mais adiante voltar a êles, e êste pormenor levou-o a cometer outro lapso, pois, da leitura do seu trabalho — feito com um nítido desejo de ser preciso e conciso — depreende-se que o realizador de «Ala, Arriga!» seria Brum do Canto, pois não há ligação perfeita entre os dois assuntos.

Kristl conclui o seu magnífico artigo frizando que no estúdio há muita gente que fala alemão. «Chega também outro senhor para falar comigo na minha língua de origem. Depois passa um técnico que diz, todo satisfeito, quatro palavras em alemão: «Sou o homem do som!» Nos estúdios do Oeste do nosso continente, percebe-se alemão e mostra-se, com boa vontade, o conhecimento desta língua».

O jornalista refere ainda uma interessante conversa que travou com A. L. R. àcêrca do sr. dr. Oliveira Salazar, da qual destaca algumas frases relativas ao sr. Presidente do Conselho.

Aqui tem o leitor, em síntese, o que diz o «Film-Kurier» àcêrca do cinema português. Congratulamo-nos com a deferência e felicitamos Guilherme L. Kristl pela sua completa e curiosa reportagem. — M.

Uma linda imagem de Lisboa



Uma fotografia de MARIA DAS NEVES, primeira figura feminina do filme português «O PÁTIO DAS CANTIGAS», Produção António Lopes Ribeiro, dirigida por Francisco Ribeiro, um filme que pretende dar um sentido novo à palavra popular. O admirável cenário ao ar livre desenhado por Roberto Araújo, construído por Francisco Duarte e pintado por Américo Leite Rosa, serve de fundo à figura da «Senhora Rosa», dona dum lugar de flôres da Praça da Figueira e abelha-mestra do Pátio do Evaristo.

(Fotografia de João Martins)

O reconhecimento da utilidade nacional do cinema

Por ALVES DE AZEVEDO

É um lugar comum, e dos mais estafados, a afirmação de que o cinema é um poderoso elemento de propaganda e um magnífico instrumento de cultura, que não diremos de primeira ordem, porque não há nada melhor. Estas verdades banais já entraram no domínio das realidades diárias. Mas se é sempre singularmente agradável à sensibilidade cinéfila dos que admiram essas virtudes do cinema a verificação delas no plano geral, maior é o prazer do amador da 7.ª arte se ao seu conhecimento chega o eco da sua utilidade nacional para o fortalecimento da consciência patriótica e para a criação das convicções afirmativas do império.

Assim é grande a minha alegria, neste momento, ao vir dizer aos leitores do *Animatógrafo* — o qual, não receio afirmá-lo, conta no seu número um verdadeiro escol de valores — que entidades diversas na sua índole e nas suas ocupações reconheceram as inapreciáveis virtudes do cinema como instrumento de cultura e o aconselham através dos seus órgãos publicitários ou o utilizam desde já numa obra digna dos maiores encómios.

Assim, o *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* no relatório da «Semana das Colónias» de 1941, diz, ao apreciar a utilidade do cinema nessa cruzada patriótica, que é «de recomendar que as Colónias promovam a filmagem de documentários cinematográficos que reproduzam cenas da vida colonial; da vida selvagem como da vida civilizada, da vida do indígena como da vida do europeu que com êle convive.

A agricultura presta-se bem para o efeito.

E muitas das indústrias já estabelecidas nas Colónias dão documentários magníficos. Os poucos que já existem são grandemente apreciados. Mas são precisos muitos para impressionar melhor.

A Agência Geral das Colónias, que tanto trabalha para o engrandecimento do nosso património Colonial, não deixará de tomar na devida consideração esta sugestão.

São as cenas projectadas no «écran» que deixam impressões mais duradoiras.

Por isso os conferentes pedem sempre documentários para exemplificarem as suas afirmações.»

★

Também é digna dos maiores louvores, sob todos os pontos de vista. a iniciativa da «Sociedade Agrícola do Cassequel» cuja direcção em África está confiada à muita competência do sr. Eng.º Vasco Monteiro, oferecendo ao seu pessoal europeu e indígena, cinema gratuito, facto a que alude o semanário de Benguela o «Intransigente».

«A inauguração dêste melhoramento fez-se com a asistência de muitos convidados, sendo curiosíssimo ver o entusiasmo de centenas de pretos a quem foi proporcinonada a primeira sessão ao ar livre no campo de aviação do Cassequel.

As sessões de cinema repetir-se-ão, tanto para europeus como para o pessoal indígena, tôdas as semanas, respectivamente ao sabado e ao domingo, as para os pretos ora num local ora noutro, conforme a distribuição, na vasta propriedade, dos diversos núcleos de trabalhadores que a servem.

É de tôda a justiça, como antes dissemos, pôr em destaque esta interessantíssima iniciativa da «Sociedade Agrícola do Cassequel», procurando melhorar o nível cultural dos indígenas ao seu serviço, ao mesmo tempo que lhes proporciona uma distracção sempre grata ao seu espírito que tanto tem de infantil simplicidade».

★

Não é necessário bordar considerações sôbre o alcance dos factos expostos que, pelo seu significado nacional se defendem bem por êles próprios. Apenas queremos afirmar o nosso desejo de que aumentem tanto nas publicações doutas as justas referências ao cinema, como nas sociedades comerciais e industriais do país se espalhe o exemplo que nesta ocasião, como noutras, nos vem das Colónias.

NOTÍCIAS DA EUROPA

ALEMANHA

A UFA vai produzir, na nova temporada, vinte e oito filmes dos géneros mais diversos, com alguns dos mais populares artistas alemães

A UFA é talvez a mais importante casa produtora da Alemanha, quer pelos capitais nela investidos, como pelos elementos, tanto artísticos como técnicos, que nos seus estúdios trabalham. É desta casa a lista de produção para a nova época, que vamos dar notícia.

Filmes de actualidade

Sob esta designação, em que os acontecimentos da hora presente são por assim dizer o fundo dos temas respectivos, tem a UFA previstas quatro produções: NARVIK, em que a luta dos soldados alemães, especialmente alpinos, marinheiros, aviadores e paraquedistas, constitui o fundo do argumento, sendo realizado por Veit Harlan segundo um argumento de Gerhard Menzel; o respeito absoluto pelas ordens militares, outro dos temas da actualidade é a base do filme que Fritz Kirchhoff dirigirá, com Carl Raddatz, Karl Ludwig Diehl e Joachim Brennecke e que se intitula DER 5 JUNI; POTSDAM, por sua vez, será o título de um filme de tradições militares de que Carl Froelich será o realizador. Por fim Karl Ritter será o encenador de G. P. U., que procurará vevelar as tôrvas maquinações daquela tenebrosa organização bolchevista em todo o mundo.

No mundo da música

TRUMEREI (Sonhando) com realização de Harald Braun e com Zarah Leander por protagonista, é um relato da vida da grande pianista Clara Schumann, mulher do músico famoso, filme que incluirá algumas das mais belas composições da música romântica alemã. Por sua vez o compositor norueguez Edward Grieg será a figura principal de ICH LIEBE DICH (Eu amo-te) dirigido por Ralf Hansen. Também em THEATER, de Josef von Baky será prestada homenagem à memória de um grande actor do teatro germânico, Josef Kainz, que René Deltgen personificará na tela.

O amor, tema indispensável

Zarah Leander, a grande actriz sueca que o cinema alemão adoptou faz, secundada por Viktor Staal e o conhecido Paul Hörbiger, o papel de uma festejada cantora de variedades em DIE GROSSE LIEBE (O grande Amor), de que Ralf Hansen será o realizador.

Extraídos de obras literárias vão ser realizados os seguintes filmes:

HOCHZEIT AUF BÄRENHOF (Casamento em Barenhof), de Sudermann, que nos conta o serôdio amor de um homem, que se enaltece pela renúncia em favor do mais jovem, interpretando-o Heinrich George, M. Ilse Werner, Paul Wegener e Ernst von Klippstein; do escritor húngaro Lajos Zilahy é tirado o



Willy Fritsch

argumento de DIE COLDENE BRUCKE (A ponte dourada) que descreve um matrimónio em perigo e a sua solução; V. Tourjansky, o conhecido «metteur en scène» russo é o realizador e Willy Birgel, Ilse Werner e Mathies Wiemann os principais intérpretes; Luise Ulrich, a grande actriz premiada na Bienal de Veneza será a protagonista de VIA MALA, tirado do romance de John Knittel, com Karl Ludwig Diehl por parceiro e Josef Von Baky como director. DIE GOLDENE STADT (A Cidade de Oiro) cuja acção se passa em Praga, com Kustina Södermann, Eugen Klöpfer por protagonistas, e Veit Harlan por realizador; e, por fim, DIE NACHT OHNE ABSCHIED (A Noite sem adeus), um outro filme de amor, que o veterano Erich Waschneck dirigirá.

Perfis da actividade alemã

Gerhard Lamprecht realizará o filme DIESEL em que Willy Birgel interpretará a figura do inventor dos motores que têm o seu nome; KAMPF UM GERMANIA (Luta pela Alemanha), um filme em que o realizador M. W. Kimmich relatará, com Luis Frenker num dos papéis principais, a luta aventurosa de cientistas alemães contra a doença do sono. Na produção da Wien Film WIEN 1910 (Viena 1910) interpretará Rudolf Forster a figura de Lueger, o genial burgomestre de Viena.

Visões da terra alemã

Em Xauten, no Baixo Reno, desenrola-se o argumento de ZWISCHEN HIMMEL UND ERDE (Entre o céu e a terra), segundo uma novela de Otto Ludwig e a realizar por Harold Braun com Werner Krauss, Gisela Uhlen e Wolfgang Lutschy e Martin Urtel por intérpretes. Nas montanhas do Tirol realiza Paul V. Ostermayr com Annelies Reinhold, Richard Häussen e Hans Schlenck o filme VIOLANTA, segundo a novela «Der Schatten» de Ernst Zahn; Hans Deppe dirigirá nos Alpes da Baviera DER OCHSENKRIEG (A guerra dos bois) que conta a história bélica de camponeses no século XV, e no qual tomam parte Paul Richter, o inesquecível intérprete dos «Niebelungos», Elfriede Datzig e Fritz Kampers.

Almas aventureiras

Neste grupo de produção há dois filmes com Hans Albers: STORTEBEKER, descrevendo as aventuras do lendário herói dos mares, e DER UNSTERBLICHE LUMP (O Vagabundo Imortal), em que é focada uma figura popular alemã, o Nante.

Heinrich George, Gisela Uhlen, Will Quadflies e Werner Hinz representam os principais papéis da produção Wien-Film SCHICKSAL (Destino), cuja figura principal é a dum criado que pela sua fidelidade, chega a ser o carrasco do seu próprio amo. Rudolf Forster aparecerá de novo em DAS GROSSE ABENTEUER (A grande Aventura)), um filme irónico e satírico, e Brigitte Horney e Johannes Heesters são os protagonistas de uma deliciosa história de amor ILLUSION, realizada por Tourjansky.

No mundo da alegria

Marika Rökk interpretará no filme ZIRKUSBLUT (Sangue de Circo) a figura de uma jovem e endiabrada artista de circo. Um outro filme com Marika Rökk é a cine-opereta de luxuosa apresentação TANZEN DES HERZ (Coração dansarino).

Dêste programa fazem parte ainda dois filmes para os quais não foram ainda escolhidos os títulos difinitivos: uma nova produção de Willy Forst para a Wien Film e uma comédia de Jenny Jugo com Willy Fritsch no principal papel masculino.

FRANÇA

A actividade francesa, dentro e fóra dos estúdios

Pierre Caron, que por volta de 1923, aos 19 anos, dirigiu dois filmes que em França e no estrangeiro tiveram grande êxito, voltou recentemente ao cinema após uma larga ausência. Agora vai dirigir para a Continental Films, de Paris, NE BOUGEZ PLUS, segundo um argumento seu e de Roméo Carlés. Interpretam-o Saturnin Fabre, Jean Meyer, Guillaume de Sax, Paul Meurise, Helène Robert, Pierre Etehepare, Roger Legris, Annie France, Marcel Carpentier e Germaine Charley.

● Gaston Modot, actor francês bastante conhecido do cinema de há vinte anos, é o argumentista de NOUS LES GOSSES, que LOUIS DAQUIN, novo realizador, dirige em Paris com a simpática Louise Carletti, Gilbert Gil, André Brunot, Pierre Larquey, Germaine Kerjean, Paul Gildés, Marcel Perez e Martial Rèbe por protagonistas.

● O júri de personalidades do Cinema que há-de julgar os «scenarios» apresentados no concurso do jornal «Vedettes» é constituído por Raoul Ploquin, director do Comité de organização da Indústria Cinematográfica, pelos realizadores Marcel L'Herbier, Christian-Jacque, e Georges Lacombe, e os jornalistas da especialidade François Vinneuil, Georges Champeaux. Nino Frank, Serge Veber, Roger Regent e Pierre Autré.

● Harry Baur encontra-se já em Berlim a cumprir o seu contrato de seis meses com a UFA pelo qual receberá cêrca de seis milhões de francos. Não está ainda assente qual o seu primeiro filme alemão.

● René Clement, um operador que se tornou «metteur en scène» está dirigindo o filme de propaganda das organizações da mocidade francesa, CHEFS DE DEMAIN, cujos principais intérpretes são Jean Daurand, Maurice Marsay e Georges Péclet.

A FEIRA DAS FITAS

«Quando o amor sorri»

(Black in Circulation)

Eis aqui um bom filme, que seria quási óptimo, se o assunto, baseada nas características tão especiais do jornalismo americano, não tivesse sido já demasiadamente debatido em todo o extenso ciclo dos «gangsters», dos menores delinqüentes, ou simplesmente do pitoresco da competição na caça ao escândalo, na sedução do sensacionalismo que dê notícia de primeira página com título em grandes parangonas

Devemos notar, porém, que está notàvelmente dirigido e interpretado êste filme — e são essas qualidades as que nos parecem nele mais dignas de destaque. O final do filme é uma bela «trouvaille» e não deixa de haver outras cenas engraçadas como a da escolha dos retratos que está bem marcada. De resto, tudo está bem contado cinematogràficamente, em justa medida de situações, e doseado com um tom agradável de comédia, fazendo com que o filme resulte um espectáculo feliz e divertido.

Joan Blondel é a intérprete ideal dêste género de películas que exploram com êxito absoluto um dos aspectos mais definidores da vida das grandes cidades norte-americanas, onde a pressa dos seus habitantes contrasta com a serenidade dos nossos cidadãos, para quem a vida é ainda à esquina com o «café» e a conversa sôbre o último acontecimento... Agitada, cheia de vivacidade e de encantos femininos, domina todo o filme em que Pat O'Brien representa um papel de menor importância, mas também com muita segurança. — A. F.

«Sunny»

(«Sunny»)

Anna Neagle é uma actriz de muitos e variados recursos, com figura, com saber, capaz da composição mais difícil, como do bailado ligeiro.

Seu marido, Herbert Wilcox, realizador e produtor dos filmes da esposa, é também cineasta de grande experiência, com uma carreira atrás de si, onde há muitas provas do seu saber como encenador e da sua apurada noção de espectáculo.

A verdade, porém, é que não basta uma boa encenação para conseguir um bom espectáculo ou para fazer uma boa fita. Mais uma vez isto se verifica em «Sunny», como também já se verificara em «No, No, Nannette» de que Wilcox pelos vistos, não aprendeu a lição. Em «Sunny», com efeito, a encenação tem acêrto e o trabalho do realizador está muito bem apoiado pelas decorações, pela fotografia, pela música, e pelos intérpretes. A história, porém, assenta num lugar-comum e é, por sua vez, desenvolvida com farta cópia doutros lugares comuns. E daqui resulta que algumas cenas bem movimentadas, como o encontro dos dois protagonistas, algumas personagens bem apontadas como a «tia Baba» diminuem o seu efeito, com êsse grande «handicap».

Fica no fim, um pouco da música, alguns «gags», o tom amável, sorridente e feliz com que é contada a história e o trabalho dos actores. Dêstes é justo salientar Anna Neagle bonita como mulher, certa como actriz e elegante bailarina. Ray Bolger que, embora sem grandes oportunidades, nos mostra o que pode fazer como bailarino, sobretudo no número dos marinheiros o mais acertado de todos para o seu feitio cómico; Edward Everet Horton num papel à sua maneira que, embora com os mesmos truques, resulta como sempre, Helen Westley numa engraçada tia e John Carrol, um galã que pelo que vimos deve subir ràpidamente. — F. G.

«Vamos dançar a Conga!»

(La Conga Nights)

As comédias musicais, apesar da sua vulgarização, têm ainda as simpatias do público português. Há as que em certos momentos da história resvalam sùbitamente para a fantasia com luxuosos e fantásticos cenários e atraentes grupos de *girls*. É claro que se *sente* imediatamente essa falta de lógica do assunto, mas compreende-se as intenções do produtor.

«Vamos dançar a Conga!» não é dêsse género. A história, embora não ofereça nenhuma novidade, é uma obra honesta. Houve a preocupação de divertir o público, sem se procurar obter grandes efeitos coreográficos, e conseguiu-se.

Lew Landers, que dirigiu o filme, foi felicíssimo com o seu trabalho. A comédia resulta suave, natural e expontânea. Não se verifica os *retorcidos* de encenação que por vezes nos é dado observar e que são feitos para preparar o espectador para o bom êxito dum *gag* ou duma situação.

Neste filme tudo é natural, tudo o que se vê pode acontecer, salvo a complicação da complicada família Dibble.

Hugh Herbert tem um grande trabalhão: — É o pai, mãe, irmãs e irmão Dible; isto é, uma família inteira.

Esta farça da família Dibble intercalada no leve fio sentimental do filme dá-lhe um aspecto exótico bastante agradável.

Hugh Herbert, em plena forma de grande cómico contribui muito para êsse êxito. Dennis O'Keefe e Constance Moore são o par romântico. Ela canta e dança e êle acompanha-a.

Armida dança e canta muito bem e principalmente a célebre «La Cucaracha».

Duas das canções que Constance Moore canta são muito agradáveis: «Carmencita Mac Coy» e «Havana», música de Frank Skinner e versos de Sans Lerner.

O operador Elwood Bredell deu ao filme um tipo de fotografia perfeitamente ajustada ao género da história.

Eis um filme que agrada ver, porque dispõe bem. — J. M.

«A Ferro e Fogo»

(Big Town Czar)

Ed Sullivan é um jornalista americano que habitualmente escreve contos, alguns dêles muito interessantes. Do seu conto *Czar of Broadway* extraiu Edmund Hartmann a história de «A Ferro e Fogo» — título pretencioso e muito infeliz — que Arthur Lubin encenou.

A adaptação cinematográfica da obra de Ed Sullivan é bastante desiquilibrada. Enquanto no princípio do filme há óptimos momentos de descrição cinematográfica, depois tudo se perde para ser simplesmente um filme de *gangsters*.

Barton Mac Lane, Tom Brown, Eve Arden, Esther Dale, Frank Jenks, e o próprio Ed Sullivan são os intérpretes, mais ou menos descuidados dêste filme. — J. M.

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, «ANIMATÓGRAFO» chama a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«O PAI TIRANO» (Prod. A. L. R.)
— **Por ter atingido a 6.ª semana de exibição no Eden.**

«QUANDO O AMOR SORRI» (Sif)
— **A curiosidade da trepidante vida jornalistica norte-americana, com seus processos de trabalho tão caracterlsticos.**
— **O desempenho de JOAN BLONDEL (Timmi), agitada, audaciosa, estruturalmente reporter.**

«SUNNY» (Rádio-Filmes)
— **O tom risonho que H. WILCOX (realizador) imprimiu ao filme com a colaboração, principalmente, de ANTHONY COLLINS (director musical) e ANNA NEAGLE, RAY BOLGER, HELEN WESTLEY, EVERETT HORTON e JOHN CARROL (interpretes).**

«VAMOS DANÇAR A CONGA!» (Filmes Alcântara)
— **A juventude e comunicativa boa disposição de todos os hóspedes de Mamã O'Brien.**
— **As interpretações de DENNIS O'KEEFE (Steve Collins), CONSTANCE MOORE (Helen Curtiss) e FERIKE BOROS (Mamã O'Brien).**
— **A complicadíssima interpretação «familiar» de HUGH HERBERT.**
— **ARMIDA e EDDIE QUILLAN, o par excêntrico.**

A Universidade e a Academia de Coimbra

(Continuação da pág. 3)

em que Ramiro Valadão augurou à corajosa iniciativa de A. L. R., metendo ombros à produção contínua, o franco e decisivo triunfo.

A. L. R. e o dr. José Viana visitaram demoradamente muitos locais onde hão-de representar-se cenas do filme, cujas filmagens deverão começar na primavera do ano que vem, abrangendo o período das férias da Páscoa. E ainda antes disso o nosso director deverá fazer em Coimbra um longo estágio, para preparar tudo com a meticulosidade requerida.

Uma conferência

Na aludida reünião com os dirigentes da Associação Académica, ficou assente que António Lopes Ribeiro irá realizar no edifício da Associação e no próximo mês de Dezembro, uma conferência acêrca do filme que vai realizar. Não é difícil avaliar o interêsse que desperta, pelo seu tema, e pela grata recordação da conferência que A. L. R. ali realizou há alguns anos intitulada «Problemas do Cinema Português».

Uma audiência

A fim de tratar alguns assuntos relativos à produção do filme de Coimbra, e de outros de maior generalidade, o nosso director solicitou uma audiência a S. Ex.ª o Ministro da Educação Nacional, dr. Mário de Figueiredo, lente da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

PANORÂMICA

(Conclusão da pág. 5)

gos anos por terras distantes, voltou à pátria. Acaba de sair desta redacção. Não esqueceu o cinema, nem os velhos amigos, nem o desejo de tentar a arte que mais o entusiasma. Seja benvindo, o filho pródigo.

E esta?

Lêmos, num diário da capital, que Brunilde Júdice vai interpretar, ao lado de Alves da Cunha, e pela primeira vez, a principal personagem feminina da obra de Júlio Dantas, «A Severa». Até aqui, vai tudo muito bem, mas o pior é o jornal acrescentar que aquele papel já foi interpretado, até agora, «por 14 artistas portuguesas, 4 brasileiras, 1 espanhola e 1 de cinema»! (sic)

E esta? Isto de cinema será designação geográfica? Tratar-se-á de alguma terra? Que o cinema já tivesse foros de nacionalidade é coisa que cá por casa ninguém sabia.

Bebe Daniels

Bebe Daniels cumpriu o prometido. Ela dissera, ao seguir para a América: «Em Outubro, voltarei a Lisbôa». E, de facto, o «Clipper» trouxe-nos de novo a simpática artista. Acabaram as suas férias.

Terminou a visita a seus filhos, que vivem na América na companhia da avó materna. Agora, Bebe e seu marido Ben Lyon voltam ao teatro. E, conforme já noticiámos, Bebe Daniels regressará ao cinema, para interpretar o filme da Gaumont British-Gainsborough, «Hi-Gang».

O marido de Deanna

O marido de Deanna Durbin está a causar, indirectamente, alguns amargos de bôca à sua consorte. Como os leitores sabem, Vaughn Paul — o marido da vedeta — era ajudante de operador, na Universal. Ora, o amor não escolhe profissões — muito principalmente nos países civilizados. Deanna Durbin gostou de Vaughn Paul. E êle — como faria qualquer — gostou da vedeta. Joe Pasternak, produtor dos filmes da talentosa e bonita menina viu na paixoneta ensejo para um «tiro» publicitário — e consentiu no casamento. Mas um dia, Pasternak passou-se para a M. G. M. Deanna ficou só com o marido, na Universal. Esta passou a desconhecer, não a espôsa do sr. Vaughn Paul, mas o marido da sr.ª Deanna Durbin. Pasternak prometera a Vaughn fazer dêle um produtor associado. Prometeu e cumpriu, mas hoje a Universal finge desconhecer o marido de Deanna. Esta amuou com a atitude e, um belo dia, faltou à cena. A Universal multou-a. Nos estúdios americanos, os amuos das vedetas não contam... e custam caro.

Marcel Pagnol

Marcel Pagnol, o conhecido autor dramático e encenador cinematográfico francês, sofreu há dias um desastre, que lhe podia ter sido fatal.

Durante a filmagem duma das suas películas, rebentou uma lâmpada eléctrica de grande potência indo os estilhaços cravar-se no rôsto do encenador.

Depois, do primeiro tratamento, os médicos declararam que Marcel Pagnol não ficará cego.

Como se sabe, Pagnol é hoje o elemento número 1 do cinema francês na zona não ocupada.





As «gralhas», essas «aves» repelentes, que tantíssimas vezes aparecem misturadas na prosa escrita em letra de fôrma, conseguem, regra geral efeitos surpreendentes. Nesta modesta secção têm, até, operado verdadeiros milagres.

Num número de «Animatógrafo», uma delas teve o condão de fazer tal algazarra que, não se conseguiu perceber patavina daquilo que eu queria dizer. Alguém sabe o que são os *designos?* Decerto, não, porque nem nós conhecemos o neologismo. Outro tanto não acontecerá, decerto, se se substituir essa palavra por «designers» — os homens que têm a seu cargo zelar pela parte plástica dos espectáculos, desenhando, quási sempre, esboços, mais ou menos perfeitos, dos enquadramento a obter durante as filmagens, nos quais se apresentam sugestões para os figurinos, para os cenários, etc.



Segundo notícias de Hollywood, Robert Montgomery vai abandonar a companhia onde trabalha, para se dedicar à produção de fitas por sua conta e risco, tendo Elliot Nugent por realizador. Montgomery não está satisfeito com 8.000 contos que a companhia lhe paga anualmente. Quere ganhar mais.

Quanto mais se tem, mais aumentam as nossas ambições; ou, por outras palavras: as nossas ambições crescem na razão directa dos nossos haveres. Esta proporção, consagrada pelo tempo, aplicou-se em tôdas as épocas e em tôdas as sociedades. Por isso, não deve causar-nos estranheza o facto de Montgomery, um artista, estar na dependência dela também. Pelo que — conclui-se ainda — nem certas actividades e maneiras de ser, conseguem refrear os apetites dos homens.

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

Tyrone Power e Ida Lupino vão interpretar, sob a direcção de John Cromwell, «Benjamin Blake»,

Poucos artistas da tela podem, como Tyrone Power, vangloriar-se de ter nascido, quási se pode dizer, dentro dum estúdio e de ter passado entre gente do cinema tôda a sua infância e a sua adolescência. De facto, seu pai, que usava o mesmo nome que o simpático marido de Anabella, foi uma das mais marcantes personalidades do cinema americano, cujo desenvolvimento acompanhou desde que a produção se estabeleceu na Costa do Pacífi:o, até há poucos anos, onde a sua figura aparecia com freqüência, nos filmes saídos de Hollywood.

Ora como se calcula, tudo na vida indicava que um dia Tyrone nuar a tradição dum nome que Jor. viria para o cinema contifôra ilustre no mundo da tela. E assim Tyrone, depois de ter feito durante certo tempo figuração a cinco dólares por sessão — êle que hoje ganha por semana setecentas vezes mais! — e depois de ter aparecido tìmidamente em «Dormitório de Raparigas» o primeiro filme americano de Simone Simon fez, devido à influência decisiva de Alice Faye, «Os Lloydes de Londres», que lhe deu notoriedade e lhe abriu de par em par a sua carreira que, valha a verdade tem sido das mais variadas e quási sempre brilhante.

Figura masculina mais categorizada da 20th Century-Fox, Tyrone Power é por isso mesmo um dos artistas mais utilizados do «lot» de Darryl Zanuck. Recentemente, em pouco tempo, Tyrone foi o intérprete de dois filmes de categoria daquela emprêsa — «Sangue e Areia», extraído do romance célebre de Ibañez, um filme notável em que êle tem uma interpretação de gente grande, e «A Yankee in the R. A. F.», recentemente concluído, onde uma vez mais, tem como «leading-lady», a sua madrinha cinematográfica, a aliciante Alice Faye...

De volta de umas semanas de férias. Tyrone Power vai agora interpretar um novo filme, produção que será das mais importantes da Fox para a nova época. Intitula-se êsse filme «Benjamin Blake» e ao lado do protagonista de «Alexander Ragtime Band» aparecerá Ida Lupino, uma artista da famosa e antiga família inglesa de actores, os Lupino, e que depois de largo período de aparições insignificantes na tela se tornou, dum dia para o outro, com a sua criação em «Out of the Fog», uma figura de primeiro plano no mundo do cinema americano.

Para dirigir aquele filme, cuja acção decorre em grande parte no Hawai, onde foram já filmados certos exteriores, foi convidado John Cromwell, que volta assim aos estúdios de Movietone City, após cinco anos de ausência, e depois de, nessa altura, em 1936, ter realizado o filme «To Mary. With love».

Zazu Pitts e Slim Summerville voltam ao cinema no filme de Hal Roach intitulado «Miss Polly»

Quando o veterano produtor Hal Roach deixou a Metro Goldwyn Mayer depois de um enorme período de colaboração — que terminou por dois descutidíssimos processos, um intentado pelo descobridor de Bucha e Estica contra a M. G. M., e outro em que esta o acusava de graves irregularidades — e ingressou no grupo da United Artists deliberou orientar a sua futura produção no sentido dos filmes de metragem mais reduzida que o habitual, nessa altura, tôda Hollywood torceu o nariz à iniciativa, qualificando-a de impraticável devido à dificuldade de colocação de filmes de quatro a seis partes.

Afinal como tanta vez tem sucedido, os derrotistas e os inimigos das iniciativas ousadas, enganaram-se, pois o êxito alcançado pelos primeiros filmes do género, que diga-se de passagem têm gozado de invulgares cuidados de realização, foi além das espectativas, mesmo as mais optimistas.

Assim, a seguir a «Broadway Limited», o primeiro da série, a «All American Co Ed», que lançou uma nova vedeta que fez extraordinária sensação, Marjorie Woodworth, a «Niagara Falls» está já realizado «Fiesta», a que há pouco nos referimos. O quinto filme que vai entrar em produção, intitula-se «Miss Polly» e é o primeiro duma série que vai dar oportunidade de voltarem ao cinema e de nele continuarem com um carácter de seqüência a que não andavam habituados, a dois notáveis comediantes da boa escola dos artistas cómicos — Zazu Pitts, que foi actriz predilecta de Eric von Stroheim, e Slim Summerville, cuja carreira cinematográfica vem dos tempos de Mack Sennett de 1913.

Hal Roach, em face do êxito da sua iniciativa, anunciou já a produção de uma nova série de cinco filmes com idênticas características daqueles, o primeiro dos quais terá por título «Brooklyn Orchids».

Hollywood assina novos contratos

Os êxitos em Hollywood são pagos pelos produtores por meio duma moeda muito especial — os contratos. Um artista que logra alcançar o favor do público, manifestado pela afluência às bilheteiras dos cinemas ou que se torna notado no conjunto duma distribuição, ou um realizador que triunfa com as suas obras, sabe que tem o interêsse dos seus empresários. A êsses, nunca Hollywood ousa regatear os seus favores nem deixa de satisfazer as suas exigências, mais ou menos justificadas.

Entre os últimos contratos de longa duração assinados na capital do cinema contam-se os que se referem a personalidades que passamos a apontar: pelo que respeita os realizadores temos, Julien Duvivier, o conhecido «metteur-en scène» francês que renovou o contrato que o ligava a Alexander Korda, depois do êxito pouco vulgar do seu filme «Lydia», o primeiro da sua segunda estadia nos Estados Unidos, e Silvan Simon, cujo nome tem vindo a evidenciar-se no «lot» da Metro Goldwyn Mayer, a qual firmou com êle novo pacto. John M. H. Stahl assinou também, por sua vez, com a 20th Century-Fox um contrato de exclusividade como produtor-director, por dois anos.

Entre os artistas estão Ann Sothern, que depois da magnífica aceitação feita à série «Maisie» alcançou um êxito pessoal enorme em «Lady Be Good», contratada de novo pela M. G. M.; Errol Flynn, cuja carreira tem decorrido inteiramente com os Irmãos Warner. Marjorie Weaver, a estrelinha da Fox; Edmond Gwenn, que a época passada vimos na magnífica interpretação que era a do chefe de secção de «O Diabo e a Menina», o qual, rescindindo o contrato com a RKO, assinou um outro por sete anos com a Metro Goldwyn Mayer; Richard Arlen, que renovou o que mantinha com a Paramount e Anne Shirley continua a trabalhar com a RKO, por mais um ano. Também Tony Gaudio, o competentíssimo operador, assinou com a Warner Bros a renovação do seu contrato.

Harry Langdon, o conhecido cómico, volta a trabalhar no cinema

Harry Langdon cómico de características muito pessoais que lhe deram um lugar àparte entre os demais cómicos da época de ouro do cinema alegre, quando pontificavam Chaplin e Harold, Buster Keaton e Raymond Griffith, Monty Banks e Clyde Cook, e de quem todos recordam ainda a sua maravilhosa interpretação em «Atleta à Fôrça», de Frank Capra, em que bastaria a famosa cena da constipação para o colocar entre os grandes mestres do riso, Langdon tem tido na tela a carreira a que o seu talento real e a sua marcada personalidade tinham absoluto direito.

Esquecido injustamente durante largos anos pelos produtores, HarryLangdon voltou ao cinema nas circunstâncias mais ingratas, quando aceitou aparecer ao lado de Oliver Hardy substituindo o parceiro de muitos anos, o popularíssimo Laurel - E s t i c a, numa das mais insípidas e das mais insignificantes comédias que Hollywood tem deitado para fora dos estúdios.

Claro que essa aparição em tais condições não teve a mínima influência na sua futura actividade cinematográfica, pois ficou na mesma situação em que estava antes de o terem ido buscar ao gabinete dos «gag-men» duma emprêsa produtora.

Agora, porém, a época do esquecimento passou, pois ùltimamente Langdon apareceu quási simultâneamente em dois filmes «All American Co Ed», a producão de Hal Roach, ao lado de Victor Mac Langlen e Edmund Lowe no filme da RKO-Radio, «The Marines are Ready», que marca a volta ao cinema dum «team» que ficou célebre, o do Capitão Flagg e Sargento Quirck. Oxalá Harry cujo valor ninguém discute, possa ter desta vez muitas oportunidades de trabalhar em frente da câmara.

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

1258 — POPEYE. — Acho

terra, antes de ir para Hollywood, e em *That Hamilton Woman* (A Batalha de Trafalgar), que foi a sua última criação, — Entre os filmes cómicos e musicais da presente temporada contam se: *Miami, Uma Noite no Rio, Férias em Havana, O Esquecido, Camarada X, As Três Noites de Eva*, etc.

1262 — CINÉFILO ALDEÃO *(Molelos)*. — O tratamento que me dás de «Conceituado Mestre» deixou-me desvanecido. — Noto com prazer que *Feitiço do Império* deu três exibições consecutivas, facto inédito nos fastos do cinema aí da terra. — Melhor do que eu, *Animatógrafo*, na sua secção «A Feira das Fitas», te dirá da categoria e do interêsse dos filmes que se forem exibindo!

1263 — REY... SEM TRONO *(Lisboa)*. — Marion Davies interpretou muitos filmes, nos longínquos tempos do mudo. A sua película mais célebre foi *Miragens*, de King Vidor, cujo argumento se baseava na vida das estrêlas de cinema, nos bastidores dos estúdios. Neste filme, por especial deferência para com a vedeta (que chegou a ter tanto prestígio como a Garbo ou a Norman Shearer), apareciam em breves cenas os artistas mais célebres, como Charlot.

1264 — REBECCA *(Lisboa)*. Tyrone Power descende, de facto, duma família inglesa. Mas está naturalizado americano. — Quando se divorcia de Annabella? Longe vá o agoiro, coitada da pequena!... Registo e compreendo a tua admiracão por Tyrone e a tua animosidade pela Annabella. — A Ginger, neste momento, suponho que continua solteira. Até ao dia em que me vir, claro...

1265 — PINNOCCHIA. — Muito interessante a entrevista que fizeste, com uma alta personalidade de Lisboa. Aqui para nós, o teu interlocutor tem um bocadinho de razão. O cinema é, certamente, das artes e das indústrias mais complexas. Daí, a dificuldade de solucionar os nossos problemas, a contento. — Esta gentilíssima leitora saúda *Dinhamá* e *Garota de Lisboa*.

1266 — DOIS CINÉFILOS AGUEDENSES *(Águeda)*. — A vossa apresentação não podia ser mais simpática. Cá ficam inscritos na lista dos meus consulentes. — Conheço Águeda, o seu rio e a sua ponte e certa pastelaria cuja montra está cheia de corações de loiça e outras graciosas miniaturas. Já tu vês que conheço a tua terra. — É de facto estranho que ainda não hajam visto os últimos filmes. Já não falo, no *Pai Tirano*, de recente estreia, mas no *João Ratão* e *Pôrto de Abrigo*. — Mickey Rooney e Ruth Hussey devem enviar gratuitamente a respectiva foto. Podes solicitá-la para a Metro Goldwyn Mayer, Culver City, Califórnia.

1267 — BOB TAYLOR *(Lisboa)*. — A tua opinião relativa a *Namorados* merece ser arquivada: que pena a Jeannette arranjar sempre o Nelson Eddy para namorado! Talvez não tenhas dito o mesmo, depois de ver a *Balalaika*. — Ruth Hussey e Virginia Grey: Metro Goldwyn Mayer, Culver City, Califórnia.

1268 — ZORRO *(Lisboa)*. — A administração da nossa revista enviar-te-á à cobrança os números que quiseres. Solicita-os directamente: «Administração de «Animatógrafo», Rua do Alecrim, 65, r/c. Lisboa».

1269 — SAÜDADE *(Lisboa)*. — Viva, *Saüdade!* que saüdades iam por cá! Conforme me aconselhas, não deitarei foguetes, ante a tua reaparição, com receio de que entres numa nova fase de preguiça!... — *Saüdade* confessa-se enternecida com as saudações de *I am Charles Boyer, Bob Taylor* e *Mickey Roonete*. — Achei muito graciosa a tua confissão sôbre o «gôsto amargo». «Dentada de cão, cura-se com o pelo do mesmo ou de outro cão»... — A Lamour tem se portado muito mal comigo! Cada vez que a vejo, nas páginas das revistas americanas, de braço dado com os outros, até fico amarelo, que, como sabes, é a côr mais grata ao desespêro. Ah! elas não me merecem, não!...

1270 — TOVARICH. — Lily Damita continua em Hollywood. Últimamente interpretou vários filmes. Continua a ser mulher do Errol Flynn. Eis tudo o que, de momento, se me oferece dizer sôbre ela.

1271 — CINEMÓFILO *(Lisboa)*. — Bravo, pelo pseudónimo de acôrdo com o vocabulário da Académica. — Já publicámos várias fotos e referências da Joan Fontaine, mas não deixarei, por isso, de transmitir o teu pedido à redacção. — Vai escrevendo sempre. Com todo o prazer te atenderei.

1272 — PIGMALEÃO *(Redondo)*. Acho excelente êste teu pseudónimo, que me evoca o óptimo filme da trindade Shaw-Asquith-Pascal. — Não vale a pena falar-te de *Pôrto de Abrigo*, que já deves ter visto, pela certa. — Escreve-me sempre que quiseres. Tenho o maior prazer em atender-te.

1273 — UM DOS MUITOS *(Castro Daire)*. — Podes escrever à Deanna Durbin para Universal Studios, Universal City, Hollywood, Califórnia. — Os filmes alemães vão começar a ser exibidos, regularmente, no Gimnásio. Presumo que, depois, corram a Província.

1274 — I LOVE SHIRLEY TEMPLE *(Coimbra)* — Tens razão no «deslise» que apontas, referente ao «raio da morte» de *Pôrto de Abrigo*: o rato, sob a acção do «raio», salta na gaiola, como doido, e só depois morre... O homem, mal é focado, morre «mesmo», como diriam os brasileiros. — Condeno, em absoluto, essa publicidade. de que o prospecto que me enviaste é tipo, e onde a ex-Maria da Graça é apodada de «Deanna Durbin portuguesa»! É, afinal, a mesma mania que nos leva a dizer que Vila Franca e Aveiro, são respectivamente, a Sevilha e a Veneza portuguesas! — Graça Maria envia fotos aos seus admiradores.

1275 — ZULEIKO *(Aveiro)*. — Respondo, duma assentada a duas cartas tuas, que, embora escritas em dias consecutivos, chegaram à minha mão ao mesmo tempo. — Por vezes, *Animatógrafo* sai com um dia de atrazo. Mas a culpa não é da redacção. É preciso Vv. lembrarem-se que, a despeito de tôda a boa vontade, estamos vivendo numa época anormal.

1276 — CORAÇÃO MALTRATADO, ETC. *(Pôrto)*. — Resumi o teu pseudónimo, amigo. Tem paciência. Mas nós não temos nada com os males, reais ou figurados, que te afligem! — A tiragem de *Animatógrafo* no momento actual é de 120 milhões de exemplares, um para cada um dos habitantes dêste Mundo que falam a língua portuguesa!—O *Rapaz sem pseudónimo* está bem e recomenda-se. — Dá um abraço ao António José.

1277 — O NOIVO DE DEANNA DURBIN *(Lisboa)*.—Com êste pseudónimo tens entrada gratuita na «Casa Amarela». Todos sabem que lá, «é reservado o direito de admissão», como em qualquer casa de chá ou «bar» que se preze... Mas, para ti, não haverá dificuldades. Se te preguntarem: «Quem vem lá?» limitar-te-ás a responder: «O Noivo da Deanna Durbin»! E passarás, pelo meio dos guardas, portões abertos de par em par, ao som da marcha de continência... — Eis o que se me oferece dizer-te sôbre o teu pseudónimo.

1278 — DINHAMÁ *(Lisboa)*. — Considero o «circo», como um dos espectáculos mais apaixonantes. O ambiente, a diversidade, o «clima», tudo me interessa e apaixona fortemente. Compreendo, portanto, o teu entusiasmo por semelhante espectáculo. — Dizes-me que és «contra os bailes». E pedes-me a opinião... Teria que escrever muito sôbre o assunto. Mas sempre gostaria de saber o que pensarás, quando encontrares o teu par... — As tuas impressões sôbre os filmes são certas.

1279 — EL ESTUDIANTE *(Lisboa)*. — O que é feito da Janet Gaynor? «Hombre!... mas nada!» Lá está em Hollywood. De vez em quando filma, e, nas horas vagas, faz jantarinhos para o Adrian (o célebre figurinista da Metro), que é o marido dela. — Êste leitor oferece um exemplar da sua revista *O mundo Cinematográfico*, às leitoras que solicitarem, por meu intermédio. A correspondência deverá ser endereçada a *El Estudiante*, ao cuidado da «Redacção de Animatógrafo», Rua do Alecrim, 65, r/c., Lisboa.

1280 — GAROTA DE LISBOA *(Lisboa)*.—Respondo àquele postal em que me dizes: 1.º, que estás radiante!; 2.º, que eu sou o rapaz mais simpático que existe. A estas duas afirmações, nada tenho a opôr. Congratulo-me!... — Transmito as tuas saudações a *Pinnocchia, Dinhamá, Donanfer* e *Bob Taylor*.

1281 — UM DOIDO ALADO. — Notável, o soneto que me enviaste, no postal. Parabens, pelo «golpe» que deste, e pela excelente factura dos teus versos!

1282 — FOTOGÉNICA. *(Lisboa)*. — Igrejas Caeiro, de facto, não foi feliz com o papel que lhe coube em *Pôrto de Abrigo*. Compreendo que êle tenha ficado desconsolado. Como aqueles corredores, que têm que proferir uma frase ao microfone, no fim da etapa, êle deverá dizer: «para a próxima vez, procurarei, fazer melhor». — Tens razão, na tua nota sôbre *Rafles*. Pequenos deslises, de grandes realizadores!

1283 — RITA MARIA. — Pela forma como dominas o espanhol, chego a supor que tenhas costela castelhana, ou então o hábito de ir a Sevilha, na Semana Santa. «Que preciosidad!» — O «naufrágio» do *Ala, Arriba* não é só ficção, como pareces supor. Muito pelo contrário: os pescadores, que voltaram o seu barco, num dia de temporal, chegaram a causar apreensões aos que de terra assistiam à cena. — Há artistas que um belo dia resolveram mudar de nome: um exemplo Rita Hayworth, que, durante muito tempo, apareceu na tela sob o nome de Rita Cansino... São as que querem «despistar»... Que «morrem» voluntàriamente, para «ressuscitar» depois. «Morrem» por um motivo, «ressuscitam», por outro. São em regra as que querem «cortar» com um passado, que deixou de lhes interessar. Não vejo mal nisso. E nem sequer costumo dizer aos outros, quando sei: «olha, esta apareceu noutros tempos, no filme tal.» Respeito a resolução delas. Mas fico sempre com uma grande curiosidade de conhecer o motivo... A Hedy Lamarr já foi Eddy Kiesler!...

Bel-Tenebroso

ACTUALIDADES

As «actualidades» que publicamos no penultimo número fizeram sensação, como não podia deixar de ser, em especial o instantaneo do aperto de mão «aereo» de Mickey Rooney a Big Bill Tilden. Continuamos hoje a brindar os nossos leitores com as fotografias que recebemos ultimamente de Hollywood.

Na primeira, tirada durante um intervalo das filmagens de «Lady Be Good», veem-se quatro dos principais intérpretes dessa produção da Metro que tanto exito tem obtido: Ann Sothern, Robert Young, Eleanor Powell e o cão que intervem num dos bailados desta última. Ninguém dirá que êle não esteja compenetrado da sua categoria de vedeta cinematográfica...

Na segunda fotografia, aparecem Charles Boyer e Paulette Goddard, reflectidos por um dêsses espelhos caprichosos e caricaturistas que brincam da maneira mais extravagante com as imagens que apanham ao seu alcance. Por cima do par protagonista de «Hold back the Dawn» (que em português se pode traduzir por «Quisera não despertar...») espreitou Mitchell Leisen, o magnífico realisador da Paramount, que dirigiu êsse filme. Vejam a cabeça que o espelho lhe arranjou!

Finalmente, a terceira foto mostra Claudett Colbert no seu iate, com duas amigas que convidou para um passeio sôbre as águas do Pacífico. É aproveitar enquanto é tempo!





Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



Esta fotografia foi tirada durante a filmagem duma cena de «Woman's face», em que Joan Crawford conquistou novos títulos de glória.

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: MARIA DOMINGAS